

UMA LEITURA CRÍTICO-LITERÁRIA ACERCA DO “FALAR EM LÍNGUAS” EM ATOS 2, 1-13

Celso Kallarrari (UNEB)
celsokallarrari@terra.com.br

RESUMO

Este artigo pretende fazer uma leitura crítica textual e literária acerca da narrativa de *Atos 2, 1-11*, a partir de uma análise comparativa entre duas realidades distantes no tempo e espaço, isto é, o contexto bíblico de Pentecostes e o atual contexto do pentecostalismo católico. Em outras palavras, buscar-se-á, nesse trabalho, trazer a discussão sobre o “dom das línguas”, ao apresentar a compreensão crítico-textual acerca da vinda do Espírito Santo e a atual compreensão no contexto carismático do pentecostalismo católico. Trata-se, pois, de “falar línguas” estrangeiras ou de “falar línguas” desconhecidas? Com base nesse questionamento, apresentaremos, *a priori*, alguns princípios hermenêuticos para compreensão dessa perícope e sua compreensão nos dias atuais.

Palavras-chave:

Pentecostes, pentecostalismo, falar em línguas, leitura crítica, *Atos 2, 1-13*, etc.

1. Introdução

Este artigo pretende fazer uma leitura crítico-literária do texto de *Atos dos Apóstolos*, capítulo 2, 1-11, acerca do fenômeno das línguas que, enquanto duas realidades distantes no tempo e espaço, influencia a visão de mundo de grupos religiosos no contexto pentecostal e neopentecostal da sociedade brasileira. Em outras palavras, buscar-se-á trazer a discussão sobre o “falar em línguas”, principalmente quando o universo religioso do pentecostalismo atual e o universo religioso tradicional divergem exegética e hermenêuticamente acerca do dom das línguas.

Trata-se, pois, de “falar línguas” estrangeiras ou de “falar línguas” desconhecidas? Com base nesse questionamento, buscaremos apresentar alguns princípios hermenêuticos de compreensão da perícope de *Atos 2, 1-13*, bem como a discussão acerca da temática do “falar em línguas” no

pentecostalismo contemporâneo. Em se tratando do texto bíblico, partimos do pressuposto de que há um cruzamento entre a crítica textual e literária, numa perspectiva mútua de encontros e desencontros com a verdade de cada uma delas. Dessa forma, como lidar com a questão da expressão “falar em línguas estranhas” da análise da perícopre *Atos 2, 1-13*? Quais as possíveis interpretações, sob o ponto de vista do texto mais próximo ao original, dos teólogos e dos participantes do movimento da RCC?

2. Análise crítico-textual

Sabemos que a análise textual de uma perícopre bíblica é de suma importância para o estudo exegético, principalmente quando nos desaproximamos do tempo e espaço da “*editio princeps*” neotestamentária grega. Diferentes hermenêuticas surgem justamente quando se procura dar ao texto um sentido mais atual que pretenda justificar determinadas práticas religiosas e sociais. Desse modo, a literatura, por conta da sua capacidade intrínseca de representação, exprime tudo o que existe nesse mundo e nos permite ter acesso à experiência de vida de uma época ou à interioridade do seu tempo histórico, sociocultural e religioso. Por isso, segundo Martins,

Esta dimensão fascinante do literário impõe a prioridade inescapável da vinculação do texto a uma realidade que, ao lhe preexistir, estabelece as condições de inteligibilidade solidária através da qual o texto literário oferece o seu dizer no seio de uma cultura. E é exatamente por essa mesma dimensão que o gesto crítico também ganha relevo intelectual e significado cultural. Ao se constituir inevitavelmente em interpretação de um texto literário, a crítica outra coisa não faz que reconhecer a construção e a permanência da literatura como interpretação (interpelação) de estratos do conflito humano nela representado. (MARTINS, 2001, s/p).

Em tempos não tão remotos, a tradição neotestamentária não permitia nenhuma espécie de crítica conjectural ao cânon bíblico estabelecido e esse precedente trouxe um problema básico que era “a escolha entre as inumeráveis variantes como a avaliação dos manuscritos mais dignos de confiança” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 29), relegando as questões interpelativas, baseadas num trabalho crítico-textual, simplesmente ao âmbito da discussão dos teólogos. Nesse sentido, podemos definir crítica textual como o “campo do conhecimento que trata basicamente da *restituição da forma genuína dos textos*, i. e, de sua *fixação* ou *estabelecimento* [...]” (CAMBRAIA, 2005, p. 13).

Nossa intenção é buscar verificar internamente no texto bíblico de *Atos 2*, 1-13 elementos contextuais (sociopolíticos) da cultura imprescindíveis à própria tecitura textual que nos possibilitam uma melhor visibilidade acerca do falar em línguas nos dias atuais. Por essa razão, em nossa leitura, tanto a literatura quanto a crítica textual são imprescindíveis, pois buscam, conjuntamente, interagir num diálogo intelectual nem sempre pacífico, mas inexoravelmente tão dinâmico e tão ativo quanto às exigências circunstanciais que os contextos cultural e histórico desencadeiam e que o texto literário bíblico possibilita enxergar.

Em se tratando do texto bíblico em questão (*Atos 2*, 1-13), não encontramos, a princípio nele nenhuma variante que pudesse comprometer a sua interpretação no que se refere a questão abordada por nós acerca do “falar em línguas”, com exceção da expressão grega *ἄνδρες εὐλαβεις* (“homens piedosos”, v. 5), da bíblia de Jerusalém, conforme o texto sinaitico⁹. No texto ocidental¹⁰, esta construção reduz-se a *ἄνδρες* (“homens”) sem o adjetivo, enquanto que em algumas traduções combinam *ἄνδρες εὐλαβεις* (“homens piedosos”) e *Ἰουδαιοι* (“judeus”) (Jerusalém, p. 1423).

Nos demais manuscritos, há certas variações. Por exemplo: A (século V – *Ἰουδαιοι, ἄνδρες εὐλαβεις*: “judeus, homens piedosos”), B (século IV – *Ἰουδαιοι, ἄνδρες εὐλαβεις*: “judeus, homens piedosos”), C (século V – *κατοικουντες Ἱερουσαλημ*: “residindo em Jerusalém”) e C* (século V – *ἄνδρες Ἰουδαιοι*: “homens e judeus”), D (século V – *εὐλαβεις ἄνδρες*: “piedosos homens”) e, por último, E (século VI – *Ἰουδαιοι κατοικουντες*: “judeus residindo”). Levando em consideração esses pressupostos, podemos a princípio aceitar a narrativa de *Atos 2*, 1-13 como texto seguro, sem possíveis modificações, o que nos possibilita dizer que ele pode se encontrar de acordo ou muito próximo ao texto original, segundo a vontade do seu autor.

Apesar do texto em questão não apresentar em seus manuscritos problemas a serem enfrentados, buscaremos, pois, com base nos estudos exegéticos, abordar os aspectos críticos-literários de *Atos 2*, 1-11, tais como autoria, data e fontes, gênero, estrutura e composição, destinatário

⁹ Mainville (1999, p. 31-32) diz que o *Sinaiticus* faz parte dos chamados manuscritos unciais, isto é, uma escrita romana do século IV de forma arredondada e em maiúscula, descoberto por Constantin von Tischendorf, em 1859, no mosteiro do Monte Sinai.

¹⁰ Paroschi (1993, p. 84) diz que o texto ocidental apresenta alterações bastante radicais nos evangelhos e principalmente em *Atos*, onde é quase 10 % mais longo que a forma original.

do texto, contexto ou o *sitz im leben*, uma vez que a perícope pertence ao cânon sagrado. Com base nesses critérios, discorreremos sobre essa questão acerca do “falar em línguas”, a partir do contexto sócio-cultural-religioso da época em que o texto bíblico fora escrito, sobre cada um desses elementos, procurando elucidar se essa perícopa, em sua abordagem literária, trata-se do “falar línguas” estrangeiras ou do “falar línguas” desconhecidas?

3. Crítica literária

3.1. Autoria, data e fontes

O autor de *Atos dos Apóstolos* é uma pessoa culta, provavelmente rica e estudada, um pesquisador e, por conta de seus escritos revela-se, conhecedor do mundo da sua época. Pelo que tudo indica, trata-se de um pagão convertido, um prosélito, isto é, adorador de Deus.

Ao escrever o segundo livro¹¹, provavelmente entre os anos 80 e 90 do primeiro século, o autor buscou (como ele mesmo afirma no seu primeiro livro) “fontes seguras”¹² “depois de diligentemente haver investigado tudo desde o princípio”, a fim de escrever conforme havia proposto. Nesse período, várias comunidades cristãs estavam se organizando e estruturando, pois se tratava de um período crítico, difícil, mas muito fecundo na fé. Todavia, alguns escritores insistem em afirmar que o Lucas escritor não é o Lucas descrito nas cartas paulinas como seguidor de Paulo¹³.

¹¹ O primeiro livro é o evangelho de Lucas que segue sequencialmente a história dos feitos de Jesus sendo continuado pelo segundo livro (*Atos dos Apóstolos*) cuja pretensão é narrar sobre a história dos feitos dos apóstolos.

¹² Konings (1998, p. 155) diz que essas fontes utilizadas tanto no evangelho de São Lucas quanto nos *Atos dos Apóstolos* são o evangelho de Marcos e a *Quelle*. Esta última trata-se de “uma coleção de sentenças de Jesus, possivelmente conservada na comunidade cristã de Jerusalém antes da guerra judaica (66-73dC)”.

¹³ Na mesma obra (p. 153), diz que “o autor do livro de *Atos* é o mesmo Lucas que acompanhou o apóstolo Paulo e ajudou-o a evangelizar as igrejas do mundo grego, e, por essa razão, há ocorrências nos atos de algumas indicações de cronologia mundial (1, 5; 2, 1; 3, 1-2 etc.), diálogos, cenas de simpósios, de viagem, etc., como se faz também nas obras literárias helenísticas”; Comblin (1988, p. 59-60) diz que há erros históricos nos *Atos* (9, 26,-29; 22, 17; 26, 20) em relação às viagens de Paulo à Jerusalém após sua conversão e a carta ao Gálatas (1, 15-20), e, por isso, afirma que provavelmente o autor de *Atos* não acompanhou Paulo em suas viagens.

Segundo Mosconi (2001), alguns afirmam que o escritor de *Atos* “foi Lucas, companheiro de missão de Paulo, conforme lembrado em algumas cartas (Cl 4, 14; Fm 24; 2 Tm 4, 11). Entretanto, ao relatar as andanças e o trabalho de Paulo por que o autor nunca cita, por exemplo, as cartas dele”? (p. 68). Para Mosconi (2001), o Paulo dos *Atos dos Apóstolos* apresenta-se bastante diferente do Paulo das cartas. Um Paulo diferente daquele milagreiro e poderoso dos *Atos*, símbolo de um verdadeiro missionário cheio da força do Espírito Santo, enquanto as cartas mostram um Paulo “cheio de fraqueza, receio e temor” (I Cor 2, 2-4).

Seja Lucas ou não, o autor de *Atos* é uma pessoa culta, o que faz dele um exímio pesquisador e conhecedor do mundo da sua época. Ao utilizar das “fontes seguras”, não deixa, contudo, de adaptá-las à sua forma de escrita, com certa liberdade, preocupado, sobretudo, com as situações das pequenas comunidades de Jerusalém (espécie de comunidade-mãe) e aos seus arredores, principalmente as comunidades helênicas.

A preocupação com as informações e a versátil habilidade do escritor vão, certamente, destacá-lo entre os demais escritores do Novo Testamento, pois o seu texto, em relação aos outros escritos, é o que mais apresenta um acabamento rigoroso com a escrita e com a forma literária. Sua preocupação é, portanto, de rememorar a atividade de Jesus da primeira história (o evangelho). Ao acentuar que o novo tempo, um novo céu e uma nova terra deveriam ser inaugurados na comunidade-igreja com suas dificuldades reais e não mais centrada na *Parusia*, mas, sobretudo, na “prática cristã no mundo”. É desse modo que Lucas anima as comunidades; sua preocupação era “ensinar a viver a longo prazo” (KONINGS, 1998, p. 132-153, grifos nossos).

3.2. Gênero, estrutura e composição

A construção textual dos *Atos dos Apóstolos* por Lucas se deu, necessariamente, a partir de um resgate memorial (no primeiro momento oral) daquilo que se contava sobre a história do passado de alguns relatos cristãos, na intenção de “fazer agir” os fatos ocorridos outrora, sobre a história do presente. Apesar das influências literárias da época, Lucas manteve um estilo próprio, valendo-se de múltiplas narrações, a exemplo dos variados discursos (pregação missionária e querigmática, catequética

cas e instrutivas, litúrgicas e celebrativas, apologéticas e doutrinárias)¹⁴.

É preciso, pois, levar em consideração que nenhum autor conta uma história por contar. Sempre há por detrás de toda história uma intenção de quem escreve. Por isso, ao abrir a escrita dos *Atos*, Lucas utiliza, intencionalmente, a dedicatória a “Teófilo”, a fim de “ocultar” as suas verdadeiras intenções.

Não nos resta dúvida de que o nome “Teófilo”, descrito como destinatário do texto, aliás dos dois livros, é certamente um “nome simbólico”. Como qualquer hábil escritor, essa simbologia presente no termo “Teófilo”, apresenta, em sua tradução etimológica “amigos de Deus”, representados pelas “comunidades da época do autor, com suas lideranças e seus missionários. É com eles que o autor quer conversar” (MOSCONI, 2001, p. 64). Lucas não só conhecia bem as angústias e as situações não tão favoráveis das comunidades daquela época, mas, sobretudo, preocupou-se em apontá-las nas experiências que, hipoteticamente, ele fez na companhia do apóstolo Paulo. É, nesse período, que, em se tratando de um homem convertido ao cristianismo, a pedido ou não das comunidades, resolveu registrar suas impressões.

Os *Atos* não foram escritos, em absoluto, de “maneira genérica” (MOSCONI, 2001, p. 65). Precisamos questionar nele, qual é a sua mensagem, analisando, primeiramente, as situações concretas que as primeiras comunidades estavam vivendo. Dessa forma, o segundo livro de Lucas está marcadamente estruturado por temáticas plurais, tais como: missão, vida comunitária e de comunhão, a partir da vivência experimental do Espírito Santo como dom emergente de Deus. Se, de fato, são essas as temáticas propostas pelo autor, podemos pressupor que, conforme nos sinaliza o *sitz im leben*, eram exatamente elas que precisavam ser resgatadas e, por isso, vividas pelas comunidades receptoras do texto de *Atos*.

A partir dessa hipótese, podemos prever que os receptores do texto deveriam ser “comunidades com membros vindos do judaísmo e de outras religiões”¹⁵ que apresentavam situações conflituosas e problemas

¹⁴ Fabris (1991, p. 18) diz que Lucas usa como modelo literário a “história religiosa”, seguindo os mesmos paradigmas dos livros históricos, tais como Macabeus, literatura religiosa judaica e os escritos de Flávio Josefo.

¹⁵ Comblin (1988) assinala que Lucas escreve a partir dos problemas concretos das comunidades cristãs, isto é, a partir dos três problemas: a) comunidade mesa; b) judeus e cristãos ao mesmo tempo?; c) cristãos e fiéis ao Império Romano?

oriundos dessas mesmas comunidades, pois se refere às cidades onde Paulo fundou muitas comunidades, da presença do Império Romano, representando a instituição repressora do cristianismo, e de muitas pessoas que abraçavam a missão evangelizadora da qual os apóstolos eram testemunhas oculares. Eram comunidades plurais, a sua maioria localizada fora da palestina, dentro do vasto Império Romano e que sofriam, certamente, pressões das mais variadas possíveis por conta das culturas e religiões diferentes que dificultavam a convivência harmoniosa entre elas.

Em meio a tantas diversidades e divergências cultural e religiosa, os *Atos dos Apóstolos* surgem como proposta de apresentar acontecimentos que mostram, como nos tempos anteriores, que é possível ser um seguidor de Jesus e cumpridor das tradições judaicas, sem levar em conta o lugar e o contexto. E, por isso, instruir as comunidades que a boa notícia de Jesus deve ser levada a todos os povos e nações, independentemente das contradições e das diferenças das outras religiões e culturas. Em suma, torna-se possível viver o seguimento de Cristo, apesar das contradições da vida, vivendo uma vida em comum seja entre pobres e ricos, dentro da mesma comunidade cristã. Apesar dos conflitos e tensões, era preciso manter viva a memória de Jesus, seu exemplo e sua proposta evangelizadora por um mundo melhor, mesmo que, para isso, lhe custasse a própria vida.

Para esse intento, ao escrever os *Atos dos Apóstolos*, o autor provavelmente buscou, nas fontes Marcos e *Quelle*¹⁶, informações importantíssimas e reelaborou esse material, imprimindo nele, de modo significativo, sua impressão pessoal. Ao fazer isso, impossibilitou, muitas vezes, a identificação dos seus escritos com as fontes primárias. Há, certamente, um verdadeiro trabalho de reescrita e cuidado especial com o texto. Isto faz de Lucas, entre os outros autores do Novo Testamento, não só um pesquisador dos fatos e acontecimentos que marcaram a época áurea do início do cristianismo, mas, sobretudo, um habilidoso artista da palavra. É preciso levar em consideração que em algumas perícopes do evangelho, Lucas utiliza fontes próprias aceitas por muitos exegetas. Todavia, não é tão simples assim definir quais são as fontes usadas pelo autor na composição dos *Atos dos Apóstolos* (CASALEGNO, 2005, p. 11).

¹⁶ O documento Q ou fonte Q é um texto perdido hipotético postulado para explicar a existência de material em comum entre os evangelhos cristãos canônicos de Lucas e Mateus, e não presente no de Marcos. A letra Q vem de *Quelle*, palavra alemã para "fonte". J. Hawkins e A. Harnack, foram os responsáveis por esta ideia.

De fato, ao escrever a história, o autor não se preocupou, meramente, em narrar uma história dos *Atos dos Apóstolos*. Sua intenção, embora o texto seja tão bem trabalhado, não fora “simplesmente de narrar as façanhas dos apóstolos” (COMBLIN, 1988, p. 8). Comblin acredita que, naquela época, o título de *Atos dos Apóstolos* não fora dado pelo autor. Talvez a própria comunidade cristã assim atribuiu esse título, uma vez que já circulavam outros escritos apócrifos cuja temática versava exatamente sobre as diversas experiências dos apóstolos. Daí, a preocupação da igreja primitiva, na segunda metade do século II, em reunir os cânones do Novo Testamento. É a partir deste período que o primeiro livro de Lucas (evangelho) será separado do seu segundo livro (*Atos dos Apóstolos*).

Faltou, portanto, nos escritos de Lucas, as atividades ou os atos dos demais apóstolos. Seu segundo livro não buscou detalhadamente como havia proposto ou como o título inicialmente sugere descrever a missão e atividades de todos os apóstolos. Irão se destacar, dentre os 12 apóstolos, as viagens e comunidades fundadas a partir da missão de Paulo. Ao relatar, desde o início de atos, algumas atividades de Pedro e, por eventualidade de João, dedica a maior parte do livro a missão apostólica de Paulo. Comblin sugere, portanto, outro título ao livro, a exemplo de “Atos de Paulo”¹⁷, porque, como se pode ver, a temática do livro foge completamente daquilo que se desenrola durante a narração.

Como nossa intenção, nesse artigo, é analisar uma perícope do livro, passamos a focar nossa atenção na narrativa, entre tantas outras, sobre a abertura ao Espírito Santo da comunidade dos apóstolos, reunida em Jerusalém, na festa de Pentecostes.

4. Crítica da redação

4.1. O texto: A vinda do Espírito Santo (At. 2, 1-11)

Lucas preocupa-se em apresentar, no enxerto de *Atos 2, 1-13*, o surgimento da Igreja justamente na festa do evento de Pentecostes. Pretensoamente, o autor assinala este dia extraordinário para os judeus como o dia esperado pela comunidade cristã. Há, neste fato, uma expect-

¹⁷ Comblin (1988, p. 9) diz que “Pedro ocupa um lugar importante, mas consta que intervém fundamentalmente como precursor de Paulo na evangelização das nações, ou então como porta-voz dos Doze na fase inicial da missão enviada por Jesus ressuscitado”.

tativa anunciada pelo autor no início de *Atos*, pois “descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo” (At. 1, 8).

Este recurso estilístico do autor em preparar, no introito do livro, uma expectativa para aquilo que se ia, no desenrolar da narrativa, acontecer, mostra-nos seguramente que, de antemão, a continuidade da missão evangelizadora de Jesus, a perpetuação da boa nova só deveria, de fato, se tornar realidade, a partir de uma “presença espiritual de Jesus” (DE-LARUE, 1970, p. 48) no seio das novas comunidades. E esta presença espiritual que marcou significativamente o surgimento e o desenvolvimento da Igreja, deveria, somente pela força do Espírito, trazer um novo ardor missionário da presença de Cristo, agora espiritual, para toda a missão da Igreja.

Ao escolher a festa de Pentecostes, já chamada pelos judeus das festas das Semanas, celebrada 50 dias após a Páscoa (comemoração da saída do Egito e da Aliança do Sinai), o autor não desvincula os acontecimentos cristológicos dos acontecimentos vétero-testamentário da tradição judaica; mas, pelo contrário, recorre a eles a fim de dar maior valor interpretativo¹⁸ (2 Cr 15, 10-13; Jubileus, 6, 20; Qumrã) à nova seita¹⁹ que crescia em Jerusalém e demais comunidades cristãs das diversas cidades do vasto Império Romano fundadas pelo apóstolo Paulo.

Lucas queria, na verdade, dizer algo àquelas comunidades destinatárias de *Atos*. Se este livro é marcado, em suas entrelinhas, pelas temáticas de missão, comunhão, comunidade e abertura ao Espírito Santo, só podemos que ele fora inspirado nas situações concretas daquelas comunidades cujos membros vinham do judaísmo e de outras religiões e esta convivência não deveria ser tão harmoniosa.

A presença de judeus e de outros povos nessas comunidades cristãs é apresentada em *Atos* 2, 1-11, quando estavam reunidas em Jerusalém, no dia de Pentecostes. O livro de *Atos* quer nos mostrar que, a prin-

¹⁸ *BÍBLIA de Jerusalém* (1981, p. 1422) diz que antes da festa da colheita (*Ex* 23, 14), o Pentecostes tornara-se também festa da renovação da aliança (cf. 2 Cr 15, 10-13; JUBILEUS, 6, 20; QUMRÃ). Este novo valor litúrgico pôde inspirar a encenação de Lucas, que evoca o dom da Lei no Sinai.

¹⁹ Comblin (1988, p. 48), conforme a distinção de E. Troeltsch, seita, em seu sentido sociológico, diz que “é uma associação de elites, de pessoas que buscam uma perfeição em todos os sentidos” e, em se tratando de um grupo cristão, “forma-se pela livre adesão de convertidos”, ao ponto de viver em tensão escatológica pelo simples fato de não adaptar-se ao mundo.

cípio, a presença desses povos quer, por sua vez, mostrar que é possível ser seguidor de Jesus sem desvincular-se às tradições judaicas. A partir do batismo no Espírito é possível testemunhar a Boa Nova de Jesus a todas as nações e povos, independente das diferentes culturas e religiões. E, por fim, mostrar que é possível a convivência entre ricos e pobres, entre homens e mulheres e até mesmo entre as comunidades cristãs e o Império Romano.

Nesses versículos (1-11), o autor resgata as imagens simbólicas do Antigo Testamento. Trata-se, portanto, de uma analogia e aperfeiçoamento de algumas figuras do Antigo Testamento, a exemplo da celebração da colheita, de grande valor religioso à tradição judaica. Lucas apresenta a Igreja como o Povo da Nova Aliança. O Pentecostes do Monte Sinai passa a ser, na linguagem dos *Atos*, o novo Sinai, onde a Lei já não é mais uma lei imposta e dura de se cumprir, mas uma lei espiritual, isto é, o próprio Espírito de Deus dado a todos os fiéis como uma linguagem nova; capaz de falar a língua de todas as nações, pois, no Novo Pentecostes, esta linguagem torna-se, para todos, conhecidas. Trata-se da linguagem do Amor. “Ao receber este Espírito, a Igreja começa a realizar em si mesma e no mundo a Nova Aliança, preconizada por Jeremias e Ezequiel (cf. Jr. 31, 31-34; Ez 11, 19-20)” (FERREIRA, s/d, p.1).

Procuramos dividir a narrativa de *Atos* 2, 1-11 em dois momentos, conforme fez Ferreira (*s.d.*) em seu comentário. No primeiro momento, entre os versículos 1-4, trataremos de interpretar a vinda do Espírito Santo como o dom prometido por Jesus (*At.* 1, 8; *Lc* 24, 29; *Jo* 15, 26; 16, 7. 13). E, no segundo momento, tentaremos apresentar o fenômeno das línguas como a linguagem do Espírito, onde todos podem, universalmente, compreender-se e, por isso, maravilhar-se das experiências com a dimensão sobrenatural e a convivência com o outro, a partir da experiência da linguagem do amor.

4.1.1. O fenômeno do Espírito (vv. 1-4)

Os sinais hierofânicos apresentados por Lucas são inspirados nos relatos do Sinai. Percebe-se, pois, uma forte ligação com a narração de *Ex.* 19, 2,8; 20,2. Em Pentecostes, a presença do Espírito, segundo Lucas, penetra visível e sentimentalmente a Igreja. Esta presença é marcada por

um “som, como de um vento impetuoso”²⁰ e pelo fogo que recordam os relâmpagos, trovões e o fogo do Sinai (*Ex.* 19, 16-19; *Dt* 5, 4s; *Hb* 12, 18s)”. Nessa narrativa, a linguagem comparativa é bastante marcada, desde o resgate do dia de Pentecostes e a comparação com os 40 dias da ressurreição de Jesus até a sua ascensão e espera, por parte dos apóstolos, do Espírito. Esta linguagem é um recurso simbólico utilizado pelo autor a fim de representar os fenômenos da hierofania do Espírito no momento da sua descida e batismo espiritual da comunidade apostólica.

No início dos *Atos*, a imagem de Jesus que sobe nas nuvens ao céu, análoga a imagem de Elias que sobe numa carruagem de fogo e deixa o seu manto a Elizeu que, por sua vez, recebe uma porção dobrada do Espírito (*2 Reis* 2, 1-13). “Era para dizer que o espírito profético não morre” (MOSCONI, 2001, p. 58). Em termos comparativos, Elizeu torna-se o continuador da missão de Elias, assim como a comunidade dos apóstolos reunida em oração torna-se para Israel e a todas as nações os continuadores da mesma missão de Jesus. É esta a intenção de Lucas.

A simbologia das “línguas” é muito evidente nessa narrativa. Para Lucas, o fogo tem forma de línguas e repousa sobre cada um presente no cenáculo. Essas línguas, segundo Ferreira, representam a universalidade da Igreja e a sua comunicabilidade com o mundo. “Rabi Johanan, ensinando sobre o Sinai, diz que ‘a voz saiu e se repartiu em 70 vozes ou línguas, de modo que todos os povos a entendessem; e cada povo ouviu a voz na sua própria língua’” (FERREIRA, s/d, p. 1).

O fogo, “símbolo do tônus vital e do esplendor de Deus” (KÜRZINGER, 1971, p. 51) representa o batismo anunciado no primeiro livro de Lucas: “ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo” (*Lc* 3, 16b). É somente após esse batismo que a Igreja terá condições de continuar a missão salvífica de Jesus e comunicá-la a todos os povos e nações. Essa comunicação dar-se-á através do falar em outras línguas (*glossas*) que se revela nas línguas de fogo, experiência que capacitam os discípulos a falarem idiomas estranhos ou línguas incompreensíveis (*glossolalia*)²¹ que,

²⁰ Taylor (2000, p. 1378) diz que “el término griego para decir viento em Hch 2, 2 – *pno* – está intimamente relacionado com *pneuma*, que, como el hebreo *ruah*, puede significar a la vez viento y espíritu”.

²¹ *Glossa* (grego) significa língua; *lalia* (grego) significa o ato de falar línguas. *Glossolalia*: palavra formada dos dois termos gregos que se refere ao dom de línguas. Dom de línguas é um milagre divino em que, no exercício da vontade e sabedoria divinas, o Espírito Santo concede a alguns crentes

de acordo com Paulo, só podem ser interpretadas pelo mesmo Espírito Santo?

4.1.2. O fenômeno das Línguas (5-11)

A interpretação do fenômeno das línguas, ocorrido em Pentecostes e nas comunidades cristãs, divide a opinião de muitos teólogos. No evento bíblico de Pentecostes, percebe-se que há uma capacitação do Espírito Santo aos discípulos a fim de que estes falassem milagrosamente as línguas daqueles habitantes estrangeiros dos diferentes lugares do mundo romano (partos, medos, elamitas; os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto, a Ásia etc. At 2, 9).

Em contrapartida, algumas interpretações antigas dos padres da Igreja primitiva e dos movimentos Pentecostais atuais, não só entendem o fenômeno de Pentecostes de forma “místico-mágica”, mas também os demais eventos ocorridos nas primeiras comunidades. O falar em línguas é, muitas vezes, interpretado como balbucios, orações ininteligíveis, gemidos, assim como acontece nos movimentos carismáticos. São esses eventos ocorridos em Pentecostes, nas comunidades primitivas e, atualmente, da RCC, comuns?

Cirilo de Jerusalém (*apud* SANTANA, p. 50), em suas catequeses catecumenais, entre os anos de 348 a 350 d. C., ao referir-se acerca do fenômeno de Pentecostes, observa que “o carisma da glossolalia ali experimentado [...] é expressão da atividade sábia e inaudita do Espírito” e que a “efusão do Espírito que produz uma ‘embriaguez’ At, 2, 13), interpretada como embriaguez do vinho, é para esse autor, uma ‘embriaguez’ do Espírito, reservada para os tempos das delícias abundantes de Deus, pois o Espírito, segundo o nosso autor, é o verdadeiro vinho dos tempos novos” (*Ibid.*, p. 50).

O fenômeno das línguas é considerado como o milagre de Pentecostes. Assemelha-se ao carisma da glossolalia, frequentemente usado nos primórdios da Igreja (At. 10, 46; 11, 15; 19, 6; I Cor. 12-14; cf. Mc 16, 17) e algumas passagens do profetismo israelita do Antigo Testamento (comentadas pelos primeiros padres da Igreja) antecede o Pentecostes,

o poder de falarem em idiomas que não aprenderam pelos processos naturais, e isto para o fim de testemunharem eles de Jesus Cristo perante os que não creem.

a exemplo de cf. *Nm* 11, 25-29; *I Sm* 10, 5-6. 10-13; 19, 20-24; *I Rs* 22, 10 e de cf. *Jl* 3, 1-5, citado por Pedro nos versículos 17s do *Atos* 2.

Há presente, de acordo com Comblin (1988, p. 88), uma tradição que antecede os escritos do autor de *Atos* dos apóstolos, cuja narrativa consta somente os vv. 1-4. 6a.12-13, indicando o fenômeno da glossolalia, fenômeno dos carismas, semelhante os outros fenômenos também do livro dos *Atos*, a exemplo de 4, 31 e as exortações de Paulo nas comunidades de Corinto. O que diferencia nessas narrativas é que elas não falam, como em Pentecostes, sobre o testemunho e missão, subentendendo que os apóstolos falavam línguas diversas, isto é, idiomas nacionais, embora de forma confusa, o que sugeria que eles estavam como que embriagados.

Segundo Comblin (1988), Lucas acrescenta a esta tradição do deramamento do Espírito os versículos 5. 6b-11. Este acréscimo fez com que os apóstolos falassem todos como galileus e cada povo os entendesse em sua língua materna, relacionando, entre si, o milagre a missão e o testemunho entre todas as nações. Esta mudança, certamente, fez com que o texto ganhasse das intenções do escritor uma ênfase muito maior em seus aspectos proféticos do que propriamente no fenômeno da glossolalia.

Em relação ao evento de Pentecostes, trata-se de um recurso divino de fazer com que a palavra anunciada (*Kerigma*) pudesse chegar a todos os povos e, a este propósito, Deus dá o dom de falar diversas línguas, conforme nos evidencia Paulo (*I Cor.* 12, 13 e 14). Esse mesmo dom, conforme nos mostra Paulo, continuava a ser utilizado nas celebrações comunitárias, ao ponto de alguns cometerem certos exageros (*I Cor.* 14, 26-33). Resta-nos saber, entretanto, se o “dom das línguas” é similar ao das duas ocasiões tratadas por Paulo?

4.2. O falar em línguas em *Atos* 2, 1-13

Na concepção do pentecostalismo protestante e católico, o “falar outros idiomas” (fenômeno de Pentecostes) passou, no decorrer do tempo, a ser também visto como “falar em línguas” incompreensíveis (...), não faladas por povos ou nações, isto é, não entendidas e nem do domínio humano. Trata-se de um “fraseado incompreensível e extático” (KÜRZINGER, 1971, p. 52), cuja interpretação do conteúdo da língua deve ser feita apenas por mediação profética, ou seja, pelo dom da interpretação das línguas, pois

aquele que fala em línguas não fala aos homens, senão a Deus: ninguém o entende, pois fala coisas misteriosas, sob a ação do Espírito. Aquele, porém, que profetiza fala aos homens, para edificá-los, exortá-los e consolá-los (1 Cor 14, 2-3).

Podemos perceber, portanto, que, conforme evidencia Paulo, há, na prática comunitária dos primeiros cristãos, outra forma de falar em línguas, mais voltada para um “orar” em línguas, cujo locutor é o crente e seu interlocutor ou destinatário seja Deus. Em dois documentos católicos, a Igreja Romana reconhece esse fenômeno. No seu *Catecismo*, assim se expressa:

Seja qual for o seu caráter, às vezes extraordinário, como *o dom* dos milagres ou *das línguas*, os carismas se ordenam à graça santificante e têm como meta o bem comum da Igreja. Acham-se a serviço da caridade, que edificam a Igreja (CIC, n. 2003, grifos meus).

Nas Diretrizes e Normas para a Renovação Carismática Católica (documento 53 da CNBB), a Igreja reconhece o atual uso bíblico do dom das línguas (orar e falar em línguas), embora profíba que se use nos Encontros de Oração Carismáticos, uma vez que, segundo o texto, torna-se difícil discernir o que são sentimentos humanos e inspiração do Espírito, pois segundo o documento,

O destinatário da oração em línguas é o próprio Deus, por ser uma atitude da pessoa absorvida em conversa particular com Deus. E o destinatário do falar em línguas é a comunidade. O apóstolo Paulo ensina: ‘Numa assembleia prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também aos outros, a dizer mil palavras em línguas’ (1 Cor 14, 19). Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada *oração em línguas* e nunca se fale em línguas sem que haja *intérprete*’ (CNBB, n. 53, 1994, p. 29 – grifos nossos).

Para esta compreensão, a repreensão de Paulo (1 Cor. 14) e a instrução de “gemidos inexprimíveis” (Rm 8, 26-27), referindo-se ao orar do Espírito no fiel, são de suma importância e a chave bíblica para entender esse fenômeno, pois subentende que os discípulos e as primeiras comunidades cristãs utilizavam em seus cultos frequentemente os dons espirituais – e parece haver, portanto, uma diferenciação – do falar em línguas, praticado nas comunidades paulinas do acontecimento inicial de Pentecostes.

No propósito de melhor compreender e distinguir o fenômeno das línguas ocorrido em Pentecostes e em outras passagens de *Atos dos Apóstolos* (At. 4, 31; 10, 46; 11, 15; 19, 6), passemos a distinção das manifes-

tação das línguas. De acordo com o dicionário enciclopédico da Bíblia, esse

fenômeno [**glossolalia**] não é a mesma coisa que o ‘falar em línguas’ (o milagre de Pentecostes), mas consistia nisso que a pessoa [...] proferia sons ininteligíveis e palavras sem nexos, que se tornavam compreensíveis apenas para quem possuía o **carisma da interpretação** (I Cor 14, 10)” [...] **enquanto que** “São Lucas vê no milagre um símbolo da universalidade do evangelho (cf. At 2, 5) que se adapta à natureza de cada um (cf. At 2, 8). Talvez tenha considerado como o inverso da confusão das línguas em Babel (A VAN DEN BORN, p. 242, grifos nossos).

Podemos perceber que, conforme nos elucidava Santana acerca da cristologia pneumatológica, a partir dos testemunhos escritos dos Padres da Igreja, “a celebração litúrgica dos Sacramentos da Iniciação Cristã, meta a que visava o catecumenato, converte-se, segundo os Padres, em lugar privilegiado para uma experiência de Deus e de seu Espírito” (SANTANA, 2000, p. 14). Dessa forma, os fenômenos das línguas não foram, única e exclusivamente percebidos na vinda do Espírito (Atos 2, 1-11) e nas vivências das primeiras comunidades (2, 42-47; I Cor 12. 13 e 14), mas continuou durante e depois da organização institucional e hierárquica da Igreja, por certo período de tempo.

A Igreja e a tradição patrística do Oriente, em seus primórdios, viviam sob a dimensão pneumatológica²² uma vez que a liturgia dos Padres era, exclusivamente, teologia-litúrgica pneuma-epiclética. Dessa forma, “o poder operativo” e os “ritos sagrados”, bem como a “intervenção hipostática da terceira Pessoa da Trindade” faziam com que a Igreja vivesse num “regime pentecostal”, sob a influência contínua de um pentecostes perene na experiência sacramental. É Ele (Espírito Santo) que é invocado em todo o rito/culto sacramental de iniciação cristã, presente nas experiências dos catecúmenos, dos padres e da assembleia dos fiéis, com um forte teor pneumático, o que permitia a Igreja ser, em seus primórdios, denominada uma Igreja Carismática.

A nosso ver, a presença do Espírito Santo era garantia de uma vivência mais ardente entre “assembleia-espírito” e “palavra-espírito”, constituindo, assim, o fundamento da espiritualidade cristã dos primeiros

²² Santana (2000, p. 60) diz que “é no âmbito da celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã que os Padres da Igreja se referem àquela efusão do Espírito ou um ‘Batismo no Espírito’, que era como que a base e o ponto de partida para uma real e profunda experiência do Deus Uno e Trino e do Mistério da Igreja.

séculos da Igreja, com fortes tendências emocionais, assim como acontece atualmente entre os carismáticos.

No contexto atual, o objetivo primeiro do movimento da RCC, no seio da Igreja Católica, denominado Pentecostal, por fazer-se alusão ao que ocorrera nos primórdios do cristianismo com o evento de Pentecostes, nos *Atos dos Apóstolos*, no capítulo 2, 1-13, consiste na perpetuação dos *charismata*, ou dons espirituais que se configuram, por conseguinte, numa retomada das experiências primitivas. A RCC reconhece que

Os carismas, portanto, não são novidades trazidas pela Renovação Carismática Católica, a não ser no aspecto do seu exercício nos tempos atuais. Os grupos de oração tornaram possível a sua manifestação em maior intensidade, percebendo sua qualidade de “dom” para todos os que crerem, consequência normal do batismo no Espírito. [...] Os carismas estão amparados na doutrina da Igreja, além de serem fundamentados biblicamente. Esses dons de adoração, louvor e oração aprofundam a dimensão contemplativa da fé cristã e as dádivas de serviço animam a vida de santidade (MARIOTTI et. al., s/d).

Com base na análise feita anteriormente, podemos perceber “a situação vital em que o texto foi escrito, ‘o lugar social’ de toda a narrativa” (FERREIRA, s/d, p. 34) bíblica, isto é, a periferia, os grupos que estão à margem, frutos do ambiente social de exclusão, da voz dos oprimidos e a denúncia da voz dos dominadores.

O texto de *Atos* 2, 1-13 torna-se o cumprimento do que fora anunciado anteriormente, em *Atos* 1, 8, a respeito da pergunta dos apóstolos quanto à restauração do reino de Deus: “*Senhor, será agora que hás de restaurar a realeza em Israel?*”. Jesus não dá a resposta, mas deixa claro que entenderão tudo, após a vinda do Espírito Santo que “*descerá sobre vós e de recebereis força. Sereis, então, minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra*” (*At.* 1, 8).

A vinda do Espírito Santo é, portanto, a força dinâmica que falta aos apóstolos para, em definitivo, sonhar e lutar pela restauração do reino de Israel que começara, conforme o entendimento e intenção do autor de *Atos*, em Jerusalém, na festa de Pentecostes. A simbologia do monte Sinai está fortemente presente na narrativa, apontando o ruído sobrenatural e o fogo e as línguas divinas semelhantemente a *hierofania* do evento judaico-sinaítico.

Trata-se de um poder sobrenatural capaz de promover a restauração do reino de Israel, não somente em seu plano Espiritual, mas também em sua dimensão material, pois são testemunhas oculares do Cristo que instauram em definitivo, pela força do alto, o seu reino na terra. Reino de

paz e de amor, mas, sobretudo, de justiça. Testemunhas que, conforme vemos no discurso querigmático de Pedro, não temem em anunciar e denunciar.

Pedro é o primeiro a anunciar a instauração do reino e denunciar a morte de Jesus e quem foram os seus malfeitores:

Homens de Israel, escutai estas palavras! Jesus de Nazaré foi por Deus aprovado entre vós com milagres, prodígios e sinais que Deus operou por meio dele entre vós, como bem sabeis. Este homem, que fora entregue segundo o desígnio bem determinado e a presciência de Deus, vós o entregastes, crucificando-o por mão de ímpios. (*At. 2, 22-23*).

Nesse ínterim, o texto de *Atos 2, 1-13* deixa transparecer algumas tensões religiosas e política, embora pareça haver, por parte do autor, uma forte intenção de assemelhar a narrativa ao acontecimento do Pentecostes judaico, cuja festa, depois da celebração da colheita, passou a ser a festa da renovação da aliança (cf. *2 Cor 15, 10-13*; *JUBILEUS, 6, 20*; *QUMRÃ*).

Em relação às tensões religiosas, os judeus cristianizados eram considerados, à época, grupos cismáticos de uma nova seita denominada cristianismo e, por isso, eram, constantemente, perseguidos. A religião oficial judaica sentia-se ameaçada pelo anúncio do Cristo, enquanto que as autoridades políticas se incomodavam com o messias, o libertador. Quanto às tensões políticas, sabemos que o poder político local via como ameaça o crescimento de um líder popular capaz de mobilizar a população e poder, inclusive, promover revoluções contra o domínio romano.

O Império Romano era o sistema político vigente na época da narração e da escrita do texto, cujo domínio também se estendia à Palestina de Jesus. A sociedade dividia-se entre os possuídos ou dominadores (Império Romano) e os despossuídos ou dominados (judeus) habitantes da palestina, considerada província de Roma. Por outro lado, havia o sistema religioso dominante da religião judaica que impunha seus ritos e normas religiosas e que, de certa forma, exercia o poder de ser a única instituição legitimada a falar em nome do Deus de Israel.

Atualmente, observamos, na sociedade global moderna, a mesma estrutura político-religiosa, salvo as devidas proporções, onde a única coisa que muda é o regime político, denominado, hoje, como capitalismo. Estes regimes políticos são semelhantes ao império do mal que oprimem o povo tanto na história de Israel quanto na história contemporânea do povo cristão. Este último, assim como na história bíblica, é subor-

dinado pelo capitalismo triunfante e oprimido pelos mais diversos sofrimentos, consequentes da arrogância dos ricos dominadores, cuja corrupção manda na economia e na política.

Precisamos perceber na leitura de *Atos* 2, 1-13 o surgimento de uma igreja comunitária voltada para o outro. A Igreja inaugurada em Jerusalém nasce, sobretudo, para ser uma comunidade de partilha. O Espírito Santo é, *par excellence*, o autor de sentimentos de amor, ternura, solidariedade, de serviço e partilha nas primeiras comunidades cristãs. Em termos de exemplificação, essas primeiras experiências comunitárias estabeleciam-se quando os cristãos perseveravam na oração, nos ensinamentos dos apóstolos e na fração do pão. Estas práticas possibilitaram aos fiéis viverem unidos e, apesar das adversidades, a pôr “*tudo em comum [...] uma vez que [...] vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam o preço entre todos, segundo as necessidades de cada um*” (*At. 2, 44-45*). Esse era, em suma, o modelo ideal de comunidade para os cristãos cujo texto de *Atos* fora escrito.

É, a partir dessa mensagem, da fé e esperança das primeiras experiências com o Espírito Santo (MOSCONI, 2001, p. 93) que o autor de *Atos* busca animar as comunidades de sua época, bastantemente marcadas pela perseguição romana e pela instituição religiosa oficial. Nesse sentido, Pentecostes é fundamentalmente, antes de tudo, “o ponto de partida da história da marcha do testemunho” (COMBLIN, 1988, p. 87), acontecimento que levou o autor de *Atos* a intencionar que toda a iniciativa evangélica foi atribuído ao Espírito Santo e se revela nos fatos concretos da vida comunitária.

A comparação do fenômeno das línguas de Pentecostes e do fenômeno das línguas de Babel vai nos fornecer a chave para entender a mensagem da narrativa da vinda do Espírito Santo, enquanto poder dinamizador e inaugurador dos novos tempos, cujo “Reino de Deus está no meio de vós” (*Lc. 17, 21*). A simbologia de Babel mostra, contrario ao evento de Pentecostes, a destruição de um antigo regime babilônico do século VI a. C. A pretensão desse Império era, pois, escalar as alturas celestes e proclamar seu domínio sobre o mundo. “Era a divinização do poder, para seguir dominando para sempre” (MOSCONI, 2001, p. 89). A torre de Babel, parábola contada de geração em geração, era o símbolo dos Impérios opressores que, ao longo dos séculos, dominou a cultura, a religião dos povos dominados, inclusive do povo hebreu. Na história babilônica, Deus, entretanto, confunde suas línguas, fazendo com que não haja mais entendimento entre os povos.

A parábola da torre de Babel mostra a ação de Deus junto aos povos dominados, fazendo com que estes reagissem, ao tomar consciência da própria dignidade e não deixassem levar avante a construção do projeto idolátrico babilônico. Em outras palavras, a vitória do povo hebreu e a derrota do Império babilônico mostram o fim da “globalização do poder”, isto é, “da imposição de uma cultura sobre as outras”. Esta é, pois, a vitória dos povos dominados, dos excluídos, dos pobres de Javé, daqueles que, muitas vezes, não podem falar porque não falam a “língua dos poderosos”, mas a língua do Espírito capaz de confundir os entendidos. Esta é, em síntese, a vitória de Deus. Deus sempre está do lado dos pobres.

5. Considerações finais

A linguagem do Espírito, isto é, o “dom das línguas”, por mais difícil que seja sua interpretação, inaugurava um novo tempo messiânico a partir de um novo regime econômico totalmente diferente do regime imperial romano. Inaugurava-se o regime do espírito, onde não poderia haver excluídos. Um mundo novo sem preconceitos e sem diferenças, desvinculado dos sistemas opressores e causadores da morte; um mundo sem individualismo, sem nacionalismo desmedido, “sem divisões internas e externas”, onde todos falam a mesma língua, seja ela vernacular ou não vernacular.

Este projeto messiânico do reino de Deus encontra respaldo na sociedade moderna e pós-moderna. Suas testemunhas devem hoje garantir o direito à vida e à liberdade e, para tanto, torna-se preciso a valorização das culturas e costumes locais. O projeto de Deus precisa garantir a paz e a justiça a todos os povos, mas é urgente a necessidade de lutar para a realização de uma festa autêntica de Pentecostes. Essa luta contra o sistema opressor idolátrico e tirânico do sistema capitalista não terá êxito sem uma veemente denúncia das injustiças e de todas as formas de mal que regem sociedade, “de todo o mal que estraga a vida, a dignidade, o amor” (MOSCONI, 2001, p. 91) definidos com a linguagem universal do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Jerusalém. Trad. do texto língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulinas, 1981.

CASALEGNO, A. *Ler os Atos dos Apóstolos*. Estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Loyola, 2005.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica*. São Paulo: Paulinas, n. 53, ano 1994.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1988.

DELARUE, Georges. *Os Atos dos Apóstolos*. Infância da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1970.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.

FERREIRA, Joel Antônio. *Atos 2, 1-11: A linguagem do Espírito é o amor*. Resumo. Goiânia: [No Prelo].

SANTANA, Luiz Fernando. *Batizados no Espírito Santo: a experiência do Espírito Santo nos padres da Igreja*. São José dos Campos: Comdeus, 2000.

KONINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1998.

KÜRZINGER, Josef. *Atos dos apóstolos*. Primeira Parte. Trad. Irene e José Kloh Filho. Petrópolis: Vozes, 1971.

LEVORATTI et alli. *Comentário bíblico internacional: comentário católico y ecumênico para el siglo XXI*. Navarra. Espanha: Verbo Divino, 2000.

MAINVILLE, Odette. *A Bíblia à luz da história*. São Paulo: Paulinas, 1999.

MARIOTTI, Alides D.; LUNGNANI, Antonio C.; SOUZA, Ronaldo J. *Carismas*. RCC. Escola Paulo Apóstolo. São José dos Campos Comdeus, s.d.

MARTINS, Manuel Frias. Crítica literária. In. *E-dicionário de termos literários*, coord. de Carlos Ceia. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/C/critica_literaria.htm>. Acesso em: 18-09-2011.

MOSCONI, Luís. *Atos dos apóstolos*. Como ser igreja no início do terceiro milênio? São Paulo: Paulinas, 2001.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SILVA, José Pereira. *Crítica textual e edição de textos*. Rio de Janeiro: O autor, 2005.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. História, Metodologia, Exercícios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TAYLOR, Justin. Hechos de los Apóstoles. In. LEVORATTI et alli. *Comentário bíblico internacional: Comentário Católico y Ecuménico para el siglo XXI*. Navarra, Espanha: Verbo Divino, 2000.

WEGNER, Uwe. *Exegese do novo testamento*. Manual de Metodologia. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 2001.

WELLEK, René. *The Term and Concept of Literary Criticism*. In. _____. *Concepts of Criticism*. New Haven: Yale University Press, 1963.

VAN DEN BORN, A. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.